

O MODELO DINÂMICO COMO FERRAMENTA GERENCIAL DAS ORGANIZAÇÕES

Maisa Pereira Silva (Universidade Federal de Alfenas – Unifal-MG)

Leandro Rivelli Teixeira Nogueira (Universidade Federal de Alfenas – Unifal-MG)

Resumo: Sendo percebida a necessidade de apuração dos resultados financeiros das atividades das empresas cada vez mais crescentes, foram desenvolvidos no final dos anos 70 os primeiros modelos de análise dinâmica do Capital de Giro, sendo o mais conhecido aquele publicado em 1978 por Michel Fleuriet. O presente artigo tem como objetivo demonstrar a aplicabilidade do Modelo de Fleuriet e ressaltar que através do mesmo é possível diagnosticar e gerir as finanças corporativas das empresas de uma forma inovadora diante das tradicionalmente utilizadas análises de demonstrações financeiras. Para que fosse cumprido esse propósito, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, na qual foram identificados trabalhos científicos que abordaram o modelo em questão e que demonstraram que essa ferramenta é relevante para a gestão das organizações. Desta forma, é válido evidenciar que através das conclusões dos estudos referenciados na confecção deste trabalho, onde se consideram tanto as demonstrações contábeis quanto as condições ambientais das empresas, pode-se comprovar a validade e aplicabilidade do Modelo Dinâmico.

Palavras-Chave: Modelo Dinâmico, Modelo de Fleuriet, Gestão Financeira, Gestão de Capital de Giro.

DYNAMIC MODEL AS A TOOL OF MANAGEMENT ORGANIZATIONS

Abstract: As the perceived need for verification of the financial results of business activities increasingly growing, were developed in the late 70s early models of dynamic analysis of working capital, the best known one published in 1978 by Michel Fleuriet. This article aims to demonstrate the applicability of the model and stress that Fleuriet through it is possible to diagnose and manage corporate finance firms in an innovative way in front of the traditionally used analyzes of financial statements. For this purpose was fulfilled, carried out a literature search, in which scientific papers were identified that addressed the model in question and showed that this tool is relevant to the management of organizations. Thus, evidence that is valid through the conclusions of the studies referenced in the preparation of this work, where we consider both the financial statements on the environmental conditions of companies, we can prove the validity and applicability of the Dynamic Model.

Keywords: Dynamic Model, Model Fleuriet, Financial Management, Working Capital Management.

1. Introdução

Com o passar dos tempos, em face às turbulências surgidas no ambiente econômico do qual as empresas participam, cada vez mais se torna imprescindível a formulação de modelos de análise econômico-financeira como subsídio ao processo decisório. É necessária então uma preocupação com a saúde financeira da empresa sendo a mesma impactante na capacidade de sobrevivência, de prosseguimento com novos empreendimentos e na apresentação da organização à sociedade como investimento viável.

Sendo percebida a necessidade de apuração dos resultados financeiros das atividades das empresas cada vez mais crescentes, foram desenvolvidos no final dos anos 70 os primeiros modelos de análise dinâmica do Capital de Giro. Um dos mais conhecidos foi realizado pelo francês Michel Fleuriet e por pesquisadores da Fundação Dom Cabral, cujo objetivo era desenvolver técnicas de gerenciamento financeiro focadas na realidade das empresas brasileiras, de economia dinâmica e com elevadas taxas de inflação. Em 1978 foi lançada a obra “A dinâmica financeira das empresas: um novo método de análise, orçamento e planejamento financeiro”, dos autores Michel Fleuriet, Ricardo Kehdy e Georges Blanc.

O trabalho ficou então conhecido por Modelo de Fleuriet, ou por Modelo Dinâmico, pelo qual se pode analisar a gestão financeira de curto prazo das empresas através de indicadores que podem demonstrar a dinâmica de suas operações, pois considera que as operações das empresas estão em constante movimento e mudança.

Este artigo tem como objetivo demonstrar a aplicabilidade do Modelo de Fleuriet e ressaltar que através do mesmo é possível diagnosticar e gerir as finanças corporativas das empresas de uma forma inovadora diante das tradicionalmente utilizadas análises de demonstrações financeiras. Para que se cumpra esse propósito, fez-se uma pesquisa bibliográfica, na qual foram identificados trabalhos científicos que abordaram o modelo em questão e que demonstraram que essa ferramenta é relevante para a gestão das organizações.

2. Referencial Teórico

2.1. O Modelo e a reclassificação do Balanço Patrimonial

O Modelo Dinâmico resultou do estudo especificamente das empresas brasileiras, sugerindo um novo modelo, diferente dos modelos clássicos de análise das demonstrações contábeis. O estudo foi então adaptado à realidade do Brasil, onde havia um contexto de crescimento rápido, conjugado com inflação crescente, e os autores propuseram uma mudança na forma de se analisar a situação financeira da empresa que até o momento, era feita na base contábil e estática.

Ainda hoje o país se encontra nesse contexto, salvo o maior controle da inflação, mas não se deve em momento algum ignorar a rigidez do controle das finanças. Conforme citado por Santiago et al (1999), uma administração inadequada dos recursos, dentre outros fatores, uma aplicação precária do capital de giro, bem como de uma má avaliação da necessidade do capital de giro, leva a empresa a sérios problemas financeiros, como por exemplo a inadimplência com os fornecedores e com os financiamentos bancários.

Anteriormente ao Modelo, muitas análises consideravam apenas o aspecto da solvência, medidas pelos indicadores de liquidez (seca, corrente e geral), extraídos do Balanço Patrimonial. O Modelo propôs que esta análise fosse feita através de uma base dinâmica, conforme mencionado por Corrêa e Melo (2008), utilizando-se de um enfoque Dinâmico da contabilidade, onde se destaca os aspectos financeiros de liquidez, privilegiando assim, as análises dos equilíbrios dos fluxos monetários.

Brasil e Brasil (1993) apud Pereira Filho (1998) citam ainda outras vantagens da aplicação do Modelo. Segundo os autores, nas análises setoriais de organizações, é possível

que se levante o perfil econômico-financeiro de empresas que atuam em um mesmo ramo de atividade, onde se deve levar em conta também, determinadas análises conjunturais.

A abordagem do Modelo de Fleuriet exige a reestruturação do Balanço Patrimonial em seus componentes de curto e longo prazos e por natureza das transações, para então serem extraídas medidas de liquidez e estruturas financeiras que denotam níveis de risco distintos. Conforme descreve Fleuriet, Kehdy e Blanc (1978) em sua obra, “para uma melhor compreensão do Modelo de análise financeira em questão, as contas de ativo e passivo devem ser consideradas de acordo com a realidade dinâmica das empresas, relacionando-as com o tempo, conferindo estado de permanente movimentação e fluxo contínuo de produção”.

A divisão do Balanço Patrimonial em elementos de curto e longo prazo, assim como seus itens de curto prazo que se acham ligados às atividades operacionais (produção e vendas) daqueles alheios a essas atividades, é o primeiro passo para a implantação do Modelo. O Quadro 1 mostra como ficaria esta nova divisão:

Quadro 1: Reorganização do Balanço Patrimonial

Ativo		Passivo	
Ativo Circulante	Contas Erráticas	<u>Circulante</u> Duplicatas Descontadas Empréstimos Bancários a Curto Prazo	Contas Erráticas
	Contas Cíclicas	Caixa Bancos Títulos e Valores Mobiliários Duplicatas a Receber Estoques Produtos Acabados Estoques Prod em Andamento Estoques de Matéria Prima	Contas Cíclicas Passivo Circulante
Ativo Não Circulante	Contas Não Cíclicas	<u>Realizável a Longo Prazo</u> Empréstimos a Terceiros Títulos a Receber <u>Permanente</u> Investimentos Imobilizado Diferido	Contas Não Cíclicas Passivo Não Circulante
		<u>Exigível a Longo Prazo</u> Empréstimos Bancários Financiamentos <u>Patrimônio Líquido</u> Capital Social Reservas	

Fonte: Fleuriet et al 1978, p.13

De uma foram simples, conforme elucidado pelos autores:

“Certas contas apresentam uma movimentação tão lenta quando analisadas isoladamente ou em relação ao conjunto de outras contas, que, numa análise de curto prazo, podem ser consideradas como “permanentes ou não cíclicas”. Outras apresentam um movimento “contínuo e cíclico”, existindo, finalmente, as que apresentam movimento “descontínuo e errático.” (FLEURIET, 1978, pag. 13)

Uma explanação mais clara foi exposta por Carneiro Jr e Marques (2005) onde os autores apontam que, em uma primeira etapa, os Ativos Realizável a Longo Prazo e Permanente são enquadrados no Ativo Não Circulante (ANC). Já o Exigível a Longo Prazo, Resultado de Exercícios Futuros e Patrimônio Líquido são enquadrados no Passivo Não Circulante (PNC). Numa segunda etapa, os elementos de curto prazo são desmembrados em contas erráticas (ou financeiras) e cíclicas (operacionais), sendo as contas cíclicas aquelas diretamente relacionadas à atividade realizada pela empresa.

Ainda segundo Carneiro Jr e Marques (2005), as contas pertencentes ao ativo (contas a receber, impostos a recuperar, estoques, adiantamentos a empregados e fornecedores, despesas antecipadas), e as contas relacionadas ao passivo (fornecedores, salários e encargos sociais) possuem natureza cíclica, se renovando de maneira constante no decorrer das operações e atividades normais do negócio. Assim, os elementos cíclicos do ativo integram o Ativo Circulante Cíclico (ACC), enquanto os do Passivo, o Passivo Circulante Cíclico (PCC).

Carneiro Jr e Melo (2005) continuam na exposição da reclassificação, e consideram os grupos circulantes erráticos como sendo aqueles que não sofrem efeitos diretos em decorrência do volume de atividade desenvolvido, e geralmente surgem de decisões administrativas ou negociadas. Assim, o Ativo Circulante Errático compõe-se das contas de disponibilidades, títulos e valores mobiliários, créditos não decorrentes das operações contínuas, inclusive juros e dividendos a receber, imposto de renda e contribuição social compensáveis. Já o Passivo Circulante Errático abrange as duplicatas descontadas, adiantamentos de contratos de câmbio, empréstimos e financiamentos de curto prazo, imposto de renda e contribuição social a recolher, e dívidas não provenientes das atividades normais da organização.

Após a reorganização do Balanço pode-se então relacionar as contas descritas e, a partir disso, calcular os indicadores que são a base do Modelo de Fleuriet: Necessidade de Capital de Giro (NCG), Capital de Giro (CDG) e Saldo de Tesouraria (T).

É importante enfatizar que tais indicadores são extraídos a partir do ciclo financeiro da empresa estudada, demonstrando assim a característica temporal da análise. Por ciclo financeiro entende-se, conforme elucidado pelo autor:

“o decurso de tempo compreendido entre o momento do desembolso, pelo pagamento dos insumos e demais itens necessários ao exercício da atividade produtiva, até o recebimento das vendas a crédito da empresa. Representa, portanto, a parcela de investimento no giro das operações (clientes, estoques, despesas antecipadas etc) que não é financiada espontaneamente por recursos decorrentes do desenvolvimento do ciclo operacional (fornecedores, contas a pagar etc)” (PEREIRA FILHO, 1998, pag. 13).

Na sequência vem apresentado a necessidade de capital de giro (NCG).

2.2. Necessidade de Capital de Giro (NCG)

Conforme apontado por Barros et al (2002), a NCG depende diretamente da atividade operacional da empresa, sendo que o nível de atividade afeta mais acentuadamente a NCG de empresas com ciclo financeiro mais longo.

De acordo com Fleuriet et al (1978), quando, no ciclo financeiro, saídas ocorrem antes de entradas de caixa, a empresa cria uma necessidade permanente de aplicação de fundos, evidenciada no balanço pela diferença positiva entre as contas cíclicas do ativo e do passivo. Tal necessidade denomina-se NCG.

Os autores enumeraram ainda alguns pontos importantes: que o NCG não é uma definição legal e sim usada para análise gerencial na empresa; que é sensível às modificações do ambiente econômico; que pode ser negativa, dependendo da natureza da operação da empresa.

Obtem-se então a equação:
$$\text{NCG} = \text{ativo cíclico} - \text{passivo cíclico}$$

2.3. Capital de Giro (CDG)

O capital de giro, de acordo com Silva (2002), representa os recursos demandados por uma empresa para financiar suas necessidades operacionais, que vão desde a aquisição de matérias-primas (ou mercadorias) até o recebimento pela venda do produto acabado.

Conforme elucidado por Fleuriet et al (1978), a necessidade de capital de giro, quando positiva, reflete uma aplicação permanente de fundos que, normalmente, deve ser financiada com fundos permanentes utilizados pela empresa. De modo geral, apenas uma parte dos fundos permanentes é utilizada para financiar a NCG, visto que grande parte desses fundos é utilizada para financiar aplicações permanentes.

Os autores expõem ainda: que o CDG possui o mesmo valor do Capital de Giro Líquido, presente nas análises clássicas; que não é uma definição legal e também utilizado para objetivos gerenciais; que apresenta-se razoavelmente estável ao longo do tempo; que pode ser negativo dada a natureza de operação da empresa.

Surge então a seguinte equação:
$$\text{CDG} = \text{passivo permanente} - \text{ativo permanente}$$

2.4. Saldo de Tesouraria (T)

O Saldo de Tesouraria, conforme exposto por Fleuriet et al (1978) define-se como a diferença entre o ativo e o passivo erráticos, conforme equação:

$$\text{T} = \text{Ativo errático} - \text{passivo errático}$$

Também pode ser obtido através da diferença entre o Capital de Giro e a Necessidade de Capital de Giro, segundo a equação:

$$\text{T} = \text{CDG} - \text{NCG}$$

De acordo com Fleuriet et al (1978), caso T seja positivo, pode-se inferir que a empresa possui recursos excedentes próprios para serem usados nas operações correntes, ou seja, indica disponibilidade de recursos para garantir a liquidez de curtíssimo prazo do empreendimento. Se negativo, expressa uma medida de endividamento, dado que há recursos financeiros de terceiros em excesso financiando o nível de atividade, e isso pode evidenciar dificuldade financeira iminente.

Ainda de acordo com os autores, Caso se mantiver uma situação de saldos negativos sucessivos e crescentes, acarretará no chamado Efeito Tesoura, que ocorre quando o Ativo Permanente aumenta numa determinada proporção que acaba por sufocar o Ativo Circulante. E isto incorre na concentração de grande parte do capital da organização em ativos de menor liquidez, comprometendo assim o capital de giro da empresa, que pode trazer dificuldades para que ela cumpra com suas obrigações de curto prazo.

Marques e Braga (1995) enfatizam que “o acompanhamento da evolução do T no decorrer de exercícios sociais sucessivos, bem como das causas das eventuais alterações de tendências percebidas, representa o cerne do Modelo”.

2.5. O Autofinanciamento

Segundo Fleuriet et al (1978), o auto financiamento pode ser traduzido como o motor da empresa e, assim que a liquidação das operações de repartição for assegurada, o saldo mantido pela empresa constituirá o seu Autofinanciamento.

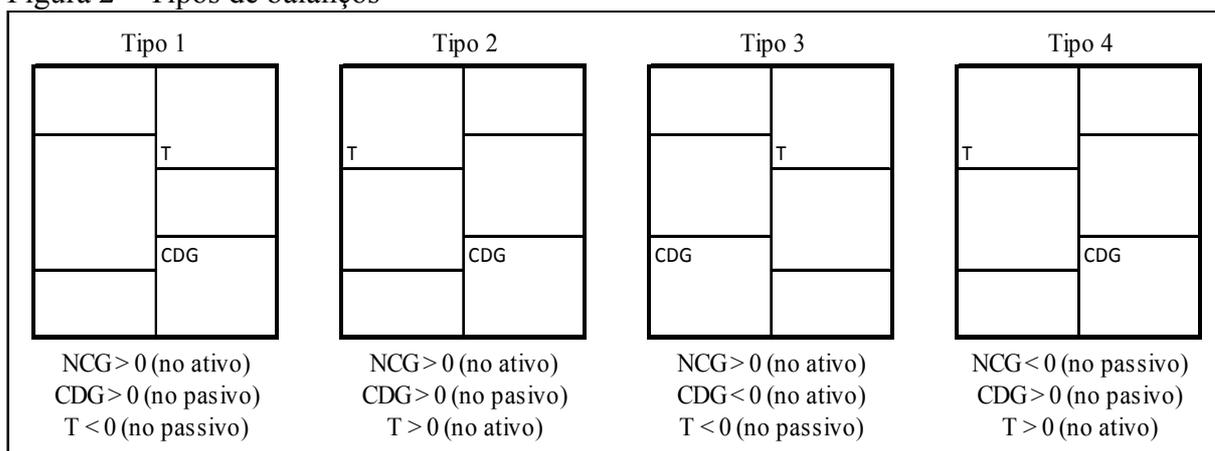
Para Marques e Braga (1995), o autofinanciamento expressa uma medida econômica do montante de recursos gerado pela firma que se destina ao financiamento de seu próprio crescimento.

2.6. Os tipos de balanço

Partindo para uma análise conjunta dos três indicadores anteriormente apresentados, Fleuriet et al (1978) menciona que os balanços patrimoniais podem ser classificados em quatro tipos, segundo o ciclo econômico e a rentabilidade das empresas, apresentados na Figura 2 abaixo.

O tipo 1 apresenta-se na prática com mais frequência. Neste caso a NCG e o CDG são positivos e o T é negativo, evidenciando que a empresa financia parte de sua NCG com recursos de curto prazo. Caso esta situação seja frequente e a empresa não consiga renovar seus créditos de curto prazo, a liquidez da empresa estará ameaçada.

Figura 2 – Tipos de balanços



Fonte: Fleuriet et al 1978

No tipo 2, que também ocorre com frequência na prática, encontra-se uma situação onde NCG, CDG e T são positivos, revelando uma estrutura financeira sólida, pois o saldo positivo de T permite enfrentar mudanças sazonais da Necessidade de Capital de Giro.

O tipo 3 configura uma empresa que luta por sua sobrevivência. Num quadro onde a NCG é positiva, o CDG negativo e o T negativo, o risco de insolvência da empresa torna-se elevado e, perdurando este estado, a empresa tenderá a desaparecer.

O tipo 4 acontece com menor frequência, sendo a NCG negativa, o CDG positivo e o T positivo. Neste caso a empresa vende a vista e adquire de seus fornecedores a prazo, caracterizando situação financeira excelente, como é o caso de grande parte dos supermercados, por exemplo.

Em seu caderno de estudos, Braga (1991) aperfeiçoou a classificação dos tipos de balanços, expondo 6 diferentes perfis, acrescentando e apresentando o quinto e sexto tipos ou perfis Segundo o autor, o quinto perfil traduz a situação de uma empresa cuja situação financeira é muito ruim, porém menos grave do que o tipo IV, devido ao fato dos passivos de

funcionamento excederem às necessidades de recursos para financiar os ativos circulantes operacionais, atenuando os efeitos negativos sobre o saldo de tesouraria.

Ainda conforme elaborado por Braga (1991), o sexto tipo:

“revela que a empresa estaria desviando sobras de recursos de curto prazo para ativos não circulantes e mantendo um saldo positivo de tesouraria. Uma situação como esta não poderia ser mantida por muito tempo, pois uma queda no volume de vendas esgotaria rapidamente a parcela excedente do PCC, invertendo o sinal da NCG e do saldo de tesouraria (BRAGA, 1991, pag.12).”

Uma forma mais clara e elucidativa de demonstrar os tipos de balanços, ou estruturas, e suas situações foi publicado em 1995, por Marques e Braga, segundo Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Tipos de estruturas e situação financeira

Tipo	CDG	NCG	T	Situação
I	+	+	-	Insatisfatória
II	+	+	+	Sólida
III	-	+	-	Péssima
IV	+	-	+	Excelente
V	-	-	-	Muito ruim
VI	-	-	+	Alto risco

Fonte: Adaptado de Fleuriet et al (1978) e Marques e Braga (1995)

2.7. Outras medidas do Modelo

Fleuriet et al (1978) também propõe a reestruturação da Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) como análise do Modelo Dinâmico. Além disso, os autores, ao longo da sua obra, evidenciam outros pontos do Modelo que podem ser trabalhados para então auxiliar o diagnóstico e a tomada de decisão dos administradores.

Brasil e Brasil (1993) apud Pereira Filho (1998) evidenciam que o Modelo possui outras aplicações relevantes, como por exemplo: “análise para cadastramento de fornecedores; análises setoriais por atividade econômica; consultoria econômico-financeira; diagnóstico de crédito; auditorias.”

O presente artigo, porém, irá se ater somente aos aspectos relacionados ao Balanço Patrimonial.

3. Procedimentos Metodológicos

Considerando-se o critério de classificação de pesquisa proposto por Vergara (2005), quanto aos fins e quanto aos meios, têm-se:

a) quanto aos fins – trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois pretende-se descrever, retomar e citar a aplicabilidade o Modelo proposto por Fleuriet et al (1978) por diferentes autores e estudos.

b) quanto aos meios – trata-se de uma pesquisa documental, utilizando-se dados de fonte secundária (Vergara, 2005). Vale ressaltar que, segundo Godoy (1995), “a pesquisa documental é uma valiosa técnica de análise de dados qualitativos, que pode ser utilizada para complementar informações obtidas de outras fontes.”

Para a formulação do presente artigo realizou-se primeiramente o procedimento de pesquisa bibliográfica, que, segundo Lakatos e Marconi (2009), “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. No caso do presente artigo a obra

principal e guia para os demais artigos referenciados foi o livro: “A dinâmica financeira das empresas: um novo método de análise, orçamento e planejamento financeiro”, dos autores Michel Fleuriet, Ricardo Kehdy e Georges Blanc.

No entanto, apesar de se utilizar o artigo em questão como base para o trabalho, buscou-se na literatura relacionada outras visões acerca do assunto a fim de se realizar um apanhado das diferentes linhas de pensamento e assim obter uma gama de informações mais completa e confiável. Na seleção do método de pesquisa optou-se também pela pesquisa documental, que segundo Trujillo (1974) apud Lakatos e Marconi (2009), refere-se ao pesquisador “basear-se nas averiguações de outro estudo ou estudos”.

Optou-se pela utilização do método de comparação entre estudos, por não haver uma fonte primária onde pudesse se aprofundar na obtenção de dados, que se realizaria através da pesquisa de campo.

4. Emprego do Modelo de Fleuriet: análise de pesquisas em diferentes estruturas organizacionais

Em um estudo voltado para afirmar a importância e validade do modelo dinâmico, Braga (1991) comparou as ferramentas tradicionais de análise de balanços com o modelo dinâmico. Utilizou como amostra de análise, para tanto, as demonstrações financeiras de um grande grupo industrial fabricante de calçados, fios, tecidos, artigos de vestuário, artigos esportivos e materiais de embalagem. O autor concluiu que o Modelo de Fleuriet fornece explicações completas e articuladas sobre as causas das modificações ocorridas da situação financeira das empresas.

Santiago et al (1999) aplicaram a análise do modelo ao setor têxtil da cidade de Montes Claros-MG, e verificaram que o mesmo atende com maior precisão às informações sobre a situação econômico-financeira das empresas. Ainda segundo os autores, um fator relevante que o método deixou evidenciado foi a importância do autofinanciamento da empresa, já que a região em questão tem uma vantagem em relação a outras regiões no que diz respeito a isenção do imposto de renda. Esta isenção deve ser vista pelo empresário como uma grande vantagem, pois permite à empresa aumentar o autofinanciamento e, conseqüentemente, fortalecer o capital de giro.

Em uma outra análise, Amaral e Cardoso (2000) estudou a relação do CDG segundo o modelo dinâmico, com o beta, coeficiente utilizado no modelo CAPM (Capital Asset Pricing Model). O modelo CAPM consiste na de formação de preços de ativos de capital, onde é relacionado o risco não diversificável beta (β) com o retorno de todos os ativos. Assim, o autor concluiu que há uma tendência que associa o grau de risco da empresa em relação ao mercado com o capital de giro da empresa.

Fonseca et al (2001), buscando contribuir para a análise econômico-financeira das empresas seguradoras do Brasil, analisaram as principais seguradoras tendo em vista sua participação de mercado. A análise foi feita com base no modelo dinâmico e deve ser considerado como uma forma de utilizar o modelo Fleuriet na prática para uma comparação das principais seguradoras do Brasil.

Já os autores Barros, Burkowski e Melo (2005) apresentaram o Modelo de Fleuriet como uma nova proposta de aplicação dos seus procedimentos e operacionalização em uma empresa de pequeno porte do setor de Educação. O estudo analisou os demonstrativos da entidade por cinco anos. O que se concluiu foi que as diferentes e significativas estratégias adotadas ao longo dos anos fizeram com que a empresa apresentasse situações discrepantes e que não fosse possível traçar um perfil de continuidade, dados valores variáveis de NCG, CDG e T de um ano para outro. Concluiu-se também que quando a gestão operacional é bem

planejada e executada, os recursos gerados são suficientes, sendo eles influenciados diretamente pelas estratégias financeiras e de investimentos.

Em um outro artigo, este publicado por Carneiro Jr e Marques (2005), foi aplicado o Modelo de Fleuriet em uma indústria têxtil de grande porte e verificou-se uma clara relevância do Modelo na gestão financeira das empresas, em especial para fins de controle e planejamento, tendo em vista que os índices encontrados demonstraram a necessidade da reavaliação na política financeira da empresa. Os autores identificaram que a NCG da empresa, nos últimos anos analisados, aumentou a taxas superiores ao CDG, fazendo com que a empresa saísse de uma situação sólida para insatisfatória, tendo o saldo de tesouraria aumentado em demasiado. Concluiu-se, então, que o crescimento no volume das vendas está relacionado com o financiamento a curto prazo, sendo essa uma situação que pode vir a causar transtornos futuros à empresa.

Lopes (2006) realizou um estudo de caso em duas cooperativas agropecuárias de Mato Grosso do Sul, nos exercícios de 2002 a 2004. Utilizando a análise dos tipos de balanços adaptada por Braga (1991), verificou que as duas cooperativas apresentaram uma estrutura cuja situação financeira é insatisfatória e que isso pode levar a pensar que é uma característica do setor, que utilizam recursos financeiros de curto prazo para financiar suas necessidades liquidas de capital de giro, já que pesquisas realizadas com outras cooperativas e em outros estados demonstraram essa mesma tendência.

Corrêa e Melo (2008) buscou como objetivo em seu artigo “contribuir na evidenciação das finanças das empresas públicas de economia mista pertencentes à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – PBH, através da utilização do Modelo Fleuriet para avaliar seus demonstrativos financeiros.” Assim, utilizando-se das variáveis do Modelo Dinâmico para diagnosticar o perfil das organizações em estudo, os autores concluíram que as empresas de Belo Horizonte sobreviviam graças às subvenções econômicas e de aportes de capital que lhe eram repassados, predominando entre elas, o perfil financeiro de alto risco, onde as empresas bancam recursos permanentes com capital de curto prazo, mantendo saldo de tesouraria positivo.

Já Nogueira (2008), relacionou o valor de mercado das empresas com seus índices de liquidez e rentabilidade. Em uma análise dos setores de siderurgia/metallurgia e energia elétrica, utilizando-se do Modelo de Fleuriet, o autor concluiu que há forte relação entre o valor de mercado e a liquidez medida pelo Modelo Dinâmico nos setores e períodos estudados, demonstrando que os investidores analisam a liquidez/solvência das empresas antes de investirem seus recursos.

Costi (2009), por sua vez, realizou seus estudos no setor público, mais precisamente nas empresas acompanhadas pelo Departamento de Coordenação e Controle de Estatais, e tomou como horizonte os anos de 2005, 2006 e 2007. Utilizando-se o modelo dinâmico como ferramenta de análise, a autora concluiu que os resultados obtidos indicaram que a metodologia do Modelo Fleuriet é aplicável ao acompanhamento do desempenho financeiro das estatais federais.

5. Considerações Finais

Através da realização da pesquisa bibliográfica foi possível que se chegasse ao objetivo do presente artigo, o de demonstrar a relevância do Modelo Dinâmico. Assim, foram expostos diversos casos em que pôde-se conferir a capacidade do modelo de proporcionar o diagnóstico e a gerência financeira nas empresas.

Muitos autores realizaram pesquisas em setores, empresas e momentos diferentes, denotando o valor do Modelo e também sua aplicabilidade. Também com a evolução dos estudos, foi possível que se fizessem adaptações ao Modelo, tornando-o cada vez mais

simples e adequado a todos os tipos de organizações, sejam elas públicas ou privadas, ou de pequeno, médio ou grande porte.

As empresas, independente da forma em que constituem seu gerenciamento financeiro de uma forma geral e mesmo suas condições de autofinanciamento, possuem as mesmas condições de utilizarem o Modelo Dinâmico para obter uma análise da empresa de uma forma em constante movimento, que traz uma visão ampla e abrange certas características que, embora importantes, não eram anteriormente abordadas nas análises financeiras tradicionais das empresas.

Tendo como premissa a relevância de um gerenciamento financeiro eficiente, é importante esclarecer que apesar de haver inovado na maneira de enxergar as contas da empresa, o Modelo Dinâmico vai além dos pontos retomados no presente artigo, cabendo às empresas adotarem análises mais profundas e com outras perspectivas a fim de se adaptarem à sua realidade e conseqüentemente às suas necessidades particulares.

Considerando o estudo dos artigos referenciados neste artigo e também as análises feitas por outros autores, que tiveram contato direto com a organização em estudo, pôde-se concluir que o Modelo de Fleuriet é mais adequadamente aplicado quando se conhece a empresa a fundo. Assim é possível tornar a reclassificação do balanço mais precisa e a posterior análise mais completa e certa, não incorrendo em erros comuns em organizações em que o controle financeiro é realizado de forma superficial ou mesmo quando os diferentes departamentos não se comunicam entre si.

Através da análise bibliográfica de diversos artigos, foi identificado que o Modelo tem igual aplicação em pequenas, médias e grandes empresas, desde que os dados da contabilidade sejam confiáveis e elaborados com critério, que demonstrem a realidade e não apenas atendam ao cumprimento da lei.

Desta forma, é válido evidenciar que através das conclusões dos estudos referenciados na confecção deste trabalho, onde se consideram tanto as demonstrações contábeis quanto as condições ambientais das empresas, pode-se comprovar a validade e aplicabilidade do Modelo Dinâmico.

É importante enfatizar o fato de o pesquisador ter contato direto e conhecimento profundo da empresa a ser analisada pelo Modelo Dinâmico é de suma importância, pois além de uma análise mais certa e relevante, também as decisões a serem tomadas após a aplicação do Modelo, depois de diagnosticada a situação da empresa, será mais adequada e alcançará melhores resultados.

Através da análise bibliográfica de diversos artigos, foi identificado que o Modelo tem igual aplicação em pequenas, médias e grandes empresas, desde que os dados da contabilidade sejam confiáveis e elaborados com critério, que demonstrem a realidade e não apenas atendam ao cumprimento da lei.

Como sugestão para futuras pesquisas foi identificado que há pouca aplicação do Modelo no setor público e na economia mista, e que esse campo deve ser explorado, pois conclusões muito significativas foram extraídas de estudos utilizados como referência e, pesquisadores do setor público podem chegar a importantes conclusões na análise deste setor da economia.

Referências Bibliográficas:

BARROS, Lousanne Cavalcanti Barros; AMARAL, Hudson Fernandes; PEREIRA FILHO, Antônio Dias; BERTUCCI, Luis Alberto. **Aplicação do Modelo Dinâmico de Gestão**

Financeira em Fundos de Pensão. In.: VII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Lisboa, Portugal, 8-11 Oct. 2002

BARROS, Lousanne Cavalcanti; BURKOWSKI, Érika; MELO, Alfredo Alves de Oliveira. **Estratégias de curto prazo de uma instituição educacional** In: EGEPE – Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 4. 2005, Curitiba, Anais... Curitiba, 2005, p. 745-758.

BRAGA, Roberto. Análise avançada do capital de giro. São Paulo: FEA/USP, n. 3, set. 1991. (Cadernos de Estudo FIPECAFI).

CARDOSO, D; AMARAL, H. F.. Correlacionando o beta do modelo CAPM – Capital Asset Pricing Model com as variáveis do modelo Fleuriet: uma análise da Siderúrgica Belgo Mineira. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção – ENEGEP, 2000. **Anais.** São Paulo, 2000.

CARNEIRO JÚNIOR, João Bosco Arbués e MARQUES, José Augusto V. da C. **Planejamento Financeiro a curto prazo : um estudo de caso da análise dinâmica do capital de giro aplicado a uma industria têxtil no período de 1999 a 2004.** In: Pensar Contábil, Rio de Janeiro, v.7, n. 29, p. 45 - 51, ago./out. 2005

CORRÊA, Marcelle Cristina; MELO, Alfredo Alves de Oliveira. **Gestão financeira de empresas públicas de economia mista municipal: uma aplicação do Modelo Dinâmico.** In: Brasileira de Contabilidade, Brasília : CFC v.37, n.173, (out. 2008), p.65-77.

GODOY, Arilda Schmidt. **A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.4, p.65-71, jul./ago. 1995.

FLEURIET, Michel; KEHDY, Ricardo; BLANC, Georges. **A dinâmica financeira das empresas:** um novo método de análise, orçamento e planejamento financeiro. Belo Horizonte: Fundação Dom Cabral, 1978

FONSECA, F.V.M.; AMARAL, H. F.; PEREIRA FILHO, A.D.; FRANÇA, R. C. Análise de empresas seguradoras do Brasil segundo o modelo dinâmico de gestão financeira. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção – ENEGEP, 2001. **Anais.** Salvador, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LOPES, A.C.V.; MENEZES, E.A.. **Gestão Financeira das cooperativas: aplicação do modelo dinâmico.** Revista Gestão Industrial, Ponta Grossa, v.2, n.2, p.143-152, 2006. Disponível em: [HTTP://www.pg.cefetpr.br/ppgep/revista](http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/revista)

MARQUES, J.A.V. da C.; BRAGA, R. **Análise dinâmica do capital de giro: o Modelo Fleuriet.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.3, p.49-63, maio/jun. 1995.

NOGUEIRA, Leandro R. T. **A liquidez e a rentabilidade como fundamentos do valor de mercado:** o caso de empresas dos setores de energia elétrica e siderurgia/metalurgia. 92 p. Dissertação (Mestrado em Administração). UFLA, Lavras, 2008.

PEREIRA FILHO, A. D. O Modelo Dinâmico de gestão financeira das empresas: procedimentos de operacionalização. **Contabilidade Vista & Revista**, Belo Horizonte, v. 9, n. 4, p. 12-22, dez. 1998.

SANTIAGO, W. P.; AMARAL, H. F.; COUTINHO FILHO, F. B.; LOPES, M. V. BOTELHO, E. M.; COUTO, J. E. **Aplicação do Modelo Dinâmico no setor têxtil de Montes Claros:** uma contribuição para a gestão financeira. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 19., 1999, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ABEPRO

SILVA, Ângelo Alves da. **Gestão Financeira: um estudo acerca da contribuição da Contabilidade na gestão do capital de giro das médias e grandes indústrias de confecções do Estado do Paraná.** Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) São Paulo: FEA/USP, 2002.

VERGARA, Silvia C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas. 2005.